



**Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia,
Documentação, Ciência e Gestão da Informação – EREBD
N/NE
Gestão CARIRI 2011-2012**

A XILOGRAVURA NO OLHAR DE ZÉ LOURENÇO*

Maria do Socorro Dantas Santana¹
Rita Auxiliadora Fernandes²

RESUMO

Este trabalho surge com intuito de mostrar o resgate de uma memória que representa uma identidade cultural que está enraizada na região do cariri, onde a xilogravura ganha grande destaque, por ser a mais alta manifestação de expressão e de valores que estão inseridos nos personagens regionais. Abordaremos a xilogravura em Juazeiro do Norte a partir da visão e vivência do xilógrafo Zé Lourenço, que é um dos representantes da Lira Nordestina, enfocando a sua paixão e dedicação a essa arte, que vem sendo de pouco uso no discurso de uma classe denominada elite cultural. Um dos eixos motivadores dessa construção aqui proposta foi a necessidade de desconstruir os discursos que nos são impostos rotineiramente e que passam opacos a nossa percepção enquanto cidadão inserido em uma cultura popular. É preciso valorizar aquilo que nos representa ressignificando não só o processo histórico como um todo, mas principalmente as nossas histórias, através de pequenos relatos e narrativas elaboradas por pessoas ditas “populares”, para assim deixarmos de ser elementos passivos e passarmos a ser sujeitos ativos no processo sócio-cultural. O resgate da memória por meio do conhecimento dessa arte é o objetivo principal para se desenvolver essa pesquisa. Pesquisa essa que será feita por meio da abordagem teórica qualitativa, trazendo uma atividade reflexiva para esse processo, como também se desenvolverá um levantamento bibliográfico proporcionando uma visão mais condizente com que buscamos. Mediante a isso temos como resultado esperado a expressão que representa o resgate dessa memória e a parcela de ensinamentos trazidos por pessoas que não negam a sua origem e que fazem a diferença em uma sociedade.

Palavras-Chave: Xilogravura. Zé Lourenço. Memória.

* Comunicação Oral apresentada ao GT nº 1, denominado GT 1 – Informação e Memória.

¹ Graduanda do curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri.

Email: sdantas.ufccariri@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e graduanda do curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará, Campus Cariri.

Email: rita_auxiliadora@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surge com intuito de resgatar uma memória que, em certa parte, é representativa de uma identidade cultural que está enraizada na região do cariri. Lugar onde a xilogravura ganha grande destaque, por ser além de uma técnica ilustrativa do que uns chamam literatura de folhetos, outros literatura de cordel, é a mais alta manifestação de expressão e de valores que estão inseridos nos personagens caririenses.

Então pretendemos aqui, abordar a xilogravura em Juazeiro do Norte a partir da visão e vivência do xilógrafo Zé Lourenço, que é um dos representantes da Lira Nordestina, enfocando a sua paixão e dedicação a essa arte, que vem sendo pouco lembrada pelos livros didáticos, pelos estudos de arte e cultura, entre outros.

Um dos eixos motivadores dessa construção aqui proposta foi a necessidade de começar tanto a trazer outras vozes para os estudos da cultura como desconstruir os discursos que nos são impostos rotineiramente e que passam opacos a nossa “ingênua” percepção. Necessidade esta alimentada pelo desejo de dar destaque não só a fatos de “grande importância”, “marcos histórico”, mas sim começar a valorizar aquilo que nos representa para ressignificar não só o processo histórico pelo qual passamos, mas valorizar as nossas histórias de vidas elaboradas por pessoas ditas “comuns” ou “populares”. Deste modo iniciaremos a tarefa de ser elementos passivos e passarmos a ser sujeitos ativos no processo sócio-cultural.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada para a elaboração deste estudo baseia-se na proposta de uma pesquisa que se caracteriza como exploratória, pois visa a proporcionar maior familiaridade com o problema, na intenção de torná-lo mais explícito. Teve como principal objetivo o aprimoramento de ideias, através de um levantamento bibliográfico proporcionando uma visão geral acerca da xilogravura e do xilógrafo Zé Lourenço. De acordo com Gil (2008 p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas ou hipóteses pesquisáveis. Apresentam menor rigidez no planejamento. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O produto final deste processo é um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos sistematizados.

Em relação à fonte dos dados, a pesquisa aqui tratada iniciou-se pelo empreendimento de uma pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de material já organizado, acessíveis em bibliotecas físicas e digitais. De acordo com Martins e Theóphilo (2009, p. 54), “a pesquisa bibliográfica [...] procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc..”

Quanto ao procedimento adotado, buscou-se uma abordagem teórica qualitativa, a fim de incluir uma atividade reflexiva para guiar todo o processo. Utilizou-se de questionário aplicado ao Zé Lourenço, como também pesquisa de campo na Lira Nordestina, onde foi feito um levantamento do acervo do material existente sobre a xilogravura. Segundo Bartunek e Seo (2002), o método qualitativo é útil e necessário para identificar e explorar os significados dos fenômenos estudados e as interações que estabelecem, assim possibilitando estimular o desenvolvimento de novas compreensões.

3 O QUE É A XILOGRAVURA?

É a partir da década de 50 que a xilogravura passa a ser empregada no processo ilustrativo dos folhetos estampando em grande porcentagem dos cordéis produzidos nesta época. Segundo Galvão (2006) isso se deu a partir do momento em que o público leitor passou a ser constituído por turistas e intelectuais. O uso da xilogravura, ainda segundo Galvão (2006, p.51) “parece ter sido uma construção a posteriori feita [...] pelos intelectuais que vêem na gravura em madeira uma expressão mais próxima da ‘alma popular’ [...]”.

Então este foi um momento muito fértil para a propagação da xilogravura já que “os folhetos ocupavam uma função importante na divulgação dos acontecimentos que despertavam mais interesse para a população sertaneja, que [...] dispunha apenas destes livros como veículo de informação”. (MELO, 2003, p.74)

As ilustrações anteriormente utilizadas eram provenientes do processo de zincogravura e essa transição para a xilogravura causou certo estranhamento no que concerne a autenticidade das obras, já que estavam habituados às gravuras de zinco.

Apesar de parecer muito antiga e preferida dos poetas, para ilustrar as capas de folheto, a xilogravura ou gravura na madeira, hoje “muito badalada” pelo público e um comércio sofisticado de arte, nunca teve na realidade, em todo o período da história, o prestígio e a popularidade das gravuras de zinco, com desenhos rabiscados a lápis, de artistas populares, cartões postais de amor, e fotografia de artistas de cinema. (SOUZA, 1981 apud GALVÃO, 2006, p.50)

Considerando o fato de ser necessário desconstruir os discursos que nos são impostos é preciso ver a xilogravura em outra perspectiva que não seja a de uma mera técnica onde o xilógrafo talha na madeira algumas linhas que mais tarde farão algum sentido, é preciso enxergar que ela é a manifestação da expressão de afetos, valores, e que não se restringe apenas a isto, é também uma fonte de sobrevivência sendo preciso atentar para a permanência de artistas nesse meio, visto que em todos os processos artísticos existem dificuldades e outro fator que se torna desmotivador é a não valorização pelos contemporâneos de onde a arte emerge, é a não visibilidade de esforços que se prolongaram por gerações.

A gravura em madeira, como infere Carvalho (1998) representa a transposição de uma característica humana para a madeira onde o “gesto de ferir a madeira é altamente expressivo. Uma nova caligrafia é proposta numa relação de amor e corte. A madeira dócil precisa significar, e valem todos os instrumentos dessa velha escrita, reatualizada em cada incisão.” (p. 38)

Porém nosso artista Zé Lourenço vai muito além. Ele não se limita a apenas gravar na madeira, mas sim retratar as coisas que lhe fazem algum sentido. Inclusive demonstra perfeitamente as suas representações a partir das temáticas que aborda na xilo, que são as romarias, padre Cícero, cangaço, festas juninas, mas o que ele fala com mais orgulho é sobre a agricultura e também do processo emigratório da região nordestina.

O fator mais interessante é que não utiliza a xilogravura apenas na madeira, mas também transpõe essa alegria visual para camisas, mosaicos, chinelas, azulejos entre outros.

4 O QUE É CORDEL?

O cordel é uma espécie de poesia popular que é impressa e divulgada em folhetos ilustrados com o processo de xilogravura. Também são utilizados desenhos e clichês zincografados. Ganhou este nome devido em Portugal, serem expostos ao povo amarrados em cordões, estendidos em pequenas lojas de mercados populares ou até mesmo nas ruas.

Chega ao Brasil no século XVIII e se torna cada vez mais popular. É encontrada principalmente no Nordeste onde são vendidos pelos próprios autores. Uma das características marcantes desse tipo de literatura é o seu preço baixo, favorecendo assim as classes de poder aquisitivo baixo e que tem o costume de ler esses folhetos. Além disso, seu sucesso se dá também pela retratação dos fatos cotidianos da cidade ou da região que abrangem assuntos como política, religiosidade, vida de cangaceiros, morte de celebridades, etc.. Dentre os

escritores influenciados por essa literatura podemos citar: João Cabral de Melo, Ariano Suassuna, Guimarães Rosa e José Lins do Rego.

5 QUEM É ZÉ LOURENÇO E O QUE PENSA SOBRE A XILOGRAVURA VERSUS CORDEL?

José Lourenço Gonzaga, mais conhecido por Zé Lourenço, é um renomado xilógrafo juazeirense que hoje é uma das maiores representações da xilogravura na região, já fez muitas exposições inclusive no exterior, além de ter experiência de oficinas e cursos. Nascido em 10 de setembro de 1964, filho de agricultor, sempre teve que trabalhar para ajudar com as despesas familiares, vivia em constantes viagens à cidade de Iguatu juntamente com pai para trabalhar na roça.

Nesta nômade vida, começaram a surgir dificuldades, logo foi decidido que se fixaria em Juazeiro na companhia do seu avô, cujo era afilhado do José Bernardo da Silva dono da Tipografia São Francisco, atual Lira Nordestina, na qual trabalhava. Depois desse fato deu-se o seu envolvimento com a xilogravura devido o incentivo e a convivência com seu avô.

Começou a trabalhar na tipografia com oito anos de idade, mas inicialmente dava somente apoio aos outros gravadores, apenas em 1986 fez sua primeira xilogravura. Em entrevistas cedidas a Gilmar de Carvalho em 1986, quando Zé Lourenço tinha apenas 21 anos e a Lira Nordestina se localizava ainda à Rua Santa Luzia, funcionando numa escola, ele apresentava-se timidamente. Falou sobre sua inserção neste meio que era ainda a Tipografia São Francisco, sobre a sua técnica e o medo que a literatura de cordel entrasse em processo de decadência, como anunciavam alguns estudiosos. No processo de talhar a madeira fazia muito uso da brumasa e da imburana, porém “o problema é que não tem imburana grande, as tábuas de imburana são pequenas. Só dá pra fazer capa de cordel [...]” (CARVALHO, 2010, p.215).

Atualmente, Zé Lourenço já não demonstra tanto medo e é notória a evolução de seu traço, fazendo uso considerável da imburana por ser mais maleável, utilizando também o cedro. Ele nos contou que, um dia na estação de trem observou um casal de pardais dançando e resolveu aplicar na sua arte a ideia de movimento.

Porém, permanecer neste meio não é fácil, pois além de ser vista com indiferença pelo órgão responsável ainda preservam na editoração do cordel o processo manual, pois as máquinas se tornam obsoletas rapidamente. Zé Lourenço vê nos avanços tecnológicos como a internet, instrumento fundamental no processo de divulgação do cordel e dos poetas, mas esta

tecnologia rouba o momento de interação entre leitor e poeta que nas feiras, lia ou cantava antes que o interessado efetuasse a compra.

Muitas foram as profecias sobre a morte do cordel, porém não foram fortes o suficiente para tal fim. Mesmo por que essa literatura se enraizou em Juazeiro do Norte de forma que passou a ser não só lazer para alguns, mas fonte de renda para diversos poetas que viram no cordel um tipo não só de expressão, mas também uma forma de sobrevivência, mediante as dificuldades que se enfrentava no século XX.

Todo esse amaldiçoamento jogado em cima do cordel transformou-se rapidamente em desespero para todos os membros do corpo editorial, desde a autoria de folhetos ao processo ilustrativo dos xilógrafos. Muito se falou também que com a evolução da tecnologia, a produção de cordel seria afetada ou seria ignorada e substituída pela televisão, internet, rádio e outros. Parcialmente há uma veracidade, pois as pessoas passaram a ser alienadas e ignoraram a cultura local.

Porém, o rádio foi um grande aliado para permitir a difusão da literatura de folhetos. Uma literatura que de acordo com Lemaire (2010) surgiu no meio oral, teve facilidade para lidar com o rádio e os poetas mais astutos faziam e ainda fazem competições do que chamamos repente ou cantorias. É uma espécie de embate, onde um elabora versos e outro tem que fazer uma ligação bem coerente e que deixe o adversário surpreso.

Para confirmar o enraizamento da literatura de cordel no Juazeiro, Rosilene Alves de Melo (2010) vem apontar como ato inaugural da publicação de poemas o jornal O Rebate, que começou a publicar primeiramente com autoria de Leandro Gomes de Barros e Pacífico Pacato Cordeiro Manso.

O Rebate ocupou lugar importante na história da editoração do cordel em Juazeiro do Norte, uma vez que sua aparição representa o momento inaugural de uma literatura que começa a circular no povoado através das páginas do jornal. Momento importante na formação de uma comunidade de leitores e ouvintes, na veiculação de um gênero literário que se apresenta como popular, tratando de temas do cotidiano, fazendo da ironia o tom privilegiado na crítica política, mitificando a figura do Padre Cícero, criando um imaginário em torno do cangaço. Se fizermos um retrospectivo do conjunto da produção literária brasileira que se apresenta no suporte do folheto de cordel, é possível perceber que estas são temáticas recorrentes. [...] Da associação entre palavra impressa no papel jornal com uso de imagens na capa- sobretudo com uso da xilogravura- a literatura de cordel adquiriu uma imagética, criou modelo, inventou um modo próprio de existir e de estar no mundo. (MELO, 2010, p.151)

O percurso da literatura de cordel no Juazeiro foi impulsionado principalmente pelo surgimento das romarias e os diversos discursos e narrativas a partir da figura do Padre

Cícero, fato que teve relevante contribuição na produção de folhetos. Com isso, surgiu cada vez mais editoras a fim de atender a demanda do público, acarretando prejuízos a mais antiga editora existente na cidade, a Tipografia São Francisco que se sentiu ameaçada pela concorrência e teve sua estrutura abalada pela má administração. Deste processo de decadência por qual passou resultou na então Lira Nordestina que segundo Rosilene Alves de Melo (2010, p.157) “é uma experiência editorial ímpar no âmbito da história da edição do cordel no Brasil” e que apresenta uma séria deficiência em relação à projetos editoriais, e além disso, sofre com a falta de vontade política da instituição dirigente, a Universidade Regional do Cariri.

Hoje, a Lira Nordestina se mantém viva devido aos esforços que o SESC- Serviço Social do Comércio fez por um determinado tempo, porém é fundamental mencionar que sua intervenção foi crucial para esse movimento. Além desse apoio, a Lira conta com outros esforços, como afirma Melo (2010), tais como de Airton Laurindo, Cícero Lourenço e Zé Lourenço que segundo a mesma:

Insistem em permanecer como agricultores do verbo, semeando letras, irrigando o papel com tinta negra, fazendo brotar das máquinas pequenos livros que, abertos, se tornam janelas através das quais é possível ver e dizer sobre as coisas do mundo, livrando as coisas do mundo do perecer.(MELO, 2010, p.157)

Assim como Zé Lourenço, segundo Carvalho (2010) muitas pessoas se ocuparam da arte de talhar na madeira a expressão de uma ideologia tais como Walderêdo Gonçalves de Oliveira, Antônio Batista Silva, Antônio Lima da Silva (Lino), Maria Iraci Brito da Silva, José Caboclo da Silva (Zé Caboclo), Arlindo Marques da Silva, Roberto Ezígio, Abraão Bezerra Batista, José Stênio da Silva Diniz e Francisco Correia Lima (Francorli). Outros também tiveram grande visibilidade como Mestre Noza, Manoel Santeiro, João Pereira e Damásio Paulo da Silva.

Após a crise da Tipografia São Francisco, houve em 1998 a celebração do convênio entre a Academia Brasileira de Cordel, a Universidade Regional do Cariri- URCA, a Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará e a Prefeitura de Juazeiro do Norte tendo como objetivo:

A criação de um Centro de Literatura de Cordel. Este centro, tal como se encontra expresso no documento, teria como missão coordenar os trabalhos de pesquisa e de divulgação da literatura de folhetos no cariri cearense e seria administrado pela

URCA. O convênio representou o primeiro passo para a transferência da Lira Nordestina para o patrimônio da URCA, uma vez que Universidade, através deste acordo, recebeu da Academia Brasileira de Cordel todas as máquinas bem como o acervo existente. Por sua vez, a Prefeitura Municipal de Juazeiro ficou responsável pela manutenção dos funcionários vinculados à Tipografia; a Secretaria de Turismo coube a tarefa de promover eventos culturais com o intuito de divulgar a literatura de cordel e estimular o interesse público pelo acervo da Lira Nordestina. (MELO, 2003, p.188)

Segundo Zé Lourenço esse processo causou grande dispersão e perda dos materiais pertencentes à tipografia. Mesmo a partir deste convênio, as condições de trabalho bem como a permanência na Lira Nordestina não melhoraram. Foi só a partir da iniciativa da Professora Doutora Francisca Pereira da Silva (Fanka) que com o apoio de outros elaborou o famoso Projeto SESC Cordel. Projeto este que tem mais de 10 anos de existência, que trabalha em parceria com a Lira, onde a mesma edita todos os folhetos sendo crucial no processo de revitalização da Lira, em prol da proteção da literatura popular bem como a divulgação de novos poetas.

Este projeto objetiva também proporcionar aos artesãos condições de continuar a trabalhar neste meio, sustentando deste modo a literatura de cordel como produto da nossa cultura e é considerado pelos membros da Lira como um grande impulsionador para o aumento da produção dos folhetos. Antes do projeto SESC Cordel eles ainda não tinham outras atividades em vista além dos cordéis encomendados pelo SESC sendo visto como única chance de aumentar a visibilidade e possibilidade de divulgação dos poetas. O SESC Cordel já recebeu os prêmios Rodrigo de Melo Franco, do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), e o prêmio Romão Batista de Arte, Cultura e Incentivo a Cultura, em Juazeiro do Norte.

Para Carvalho (1998, p. 143) a gravura sobre a madeira foi utilizada em todo país, na qual pela própria história da imprensa e das artes gráficas nos traz diversos exemplos, portanto a xilogravura se configura como:

Recurso por excelência da ilustração, porque possibilitava o corte ágil do ornamento, do cabeçalho ou do motivo visual que complementava o texto e passava para o leitor uma informação mais completa e detalhada.

[...]

A xilogravura nordestina é tributária do desenvolvimento das artes gráficas nesta região, marcada por forte sentimento libertário e pela eclosão de movimentos vanguardistas, como as lutas pelo abolicionismo e pela república, que, em alguns episódios, como a Confederação do Equador, ganhava um forte acento de secessão.

Em linhas gerais a xilogravura se caracteriza como um elemento dinamizador da literatura de cordel que por sua vez nos remete as vivências locais, na qual o seu criador passa o seu ponto de vista sobre a realidade. Para isso é importante inferir que a arte dita popular seja mensurada pelo seu real valor e contribuição para a construção da identidade coletiva que nos torna um povo singular.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto percebemos o quão é valiosa a história desses artistas que por amor as suas raízes retratam suas vivências e tentam repassar para o resto do mundo seus conhecimentos como forma de perpetuar sua memória. A trajetória de cada um que fez dessa arte mais do que um meio de sobrevivência, mas uma declaração de amor ao nordeste nos mostra que é preciso resgatar esse sentimento para que a propagação desse tesouro cultural não se perca nesse emaranhado de informações.

O esforço de pessoas como Fanka, Gilmar e principalmente de Zé Lourenço é que faz com que reflitamos sobre nossa atitude em relação a tudo que representa a nossa história como cidadão e como construtores de um saber. Construção essa que depende muito de como reconhecemos nosso passado e vivemos o nosso presente, já que a nossa história estar intrinsecamente inserida em nosso ser.

Partindo do pressuposto que o cordel e a xilogravura contribuem para a sedimentação da memória, temos através desse estudo o resgate dessa gama de conhecimento e construção do coletivo que nos permite reconhecer a nossa ressignificância dentro do contexto social em que estamos inseridos.

Portanto, o reconhecimento do valor dessa pequena parcela dos ensinamentos trazidos por pessoas que não negam a sua origem é que fazem a diferença em uma sociedade ascendente, visto que para isso sejamos coerentes com a nossa própria história e saibamos valorizar essas ações que apesar de serem individuais representam toda uma cultura.

REFERÊNCIAS

BARTUNEK, J. M.; SEO, M. Qualitative research can add new meanings to quantitative research. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, n.2, mar., 2002.

CARVALHO, Gilmar de. **Memórias da xilogravura**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

_____. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso: trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982**. Fortaleza, 2003.

_____. Lavradores de versos: corpos, papéis e máquinas na editoração do cordel em Juazeiro do Norte. In: MENDES, Simone (org.). **Cordel nas Gerais: oralidade, mídia e produção de sentido**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. p. 149-160.